



UM CONTO DE NATAL

O milagre da Misericórdia: “só conto comigo e comigo conto”



Era uma vez um velhinho, muito velhinho, enrugado e casmurro, que todos os dias caminhava sem destino pela cidade. Com a sua bengala, o seu chapéu, sem família ou amigos, não gostava de falar com ninguém, dizendo a quem o abordasse na rua: “não quero conversa fiada, sou sozinho e estou bem assim, só conto comigo e comigo conto”.

O ano passava, uma pandemia perigosa tinha chegado, e conforme se aproximava o Natal, o velhinho Anacleto ficava cada vez mais casmurro e rezingão. Enquanto as luzes da cidade se acendiam, o coração de Anacleto ficava cada vez mais escuro e enrugado, tal e qual as linhas do seu rosto.

Anacleto vivia sozinho, junto à Igreja da Misericórdia, numa casa mais velhinha que o próprio velhinho Anacleto. A casa tinha escadas tão estreitinhas, que mais parecia que todos os dias Anacleto subia ao cume de uma montanha. Quanto mais velhinho ficava Anacleto, mais altas aquelas velhas escadas lhe pareciam.

Se todos os dias, meses e anos eram iguais e tristes, para o velhinho Anacleto, este ano o Natal parecia, ainda, mais sombrio.

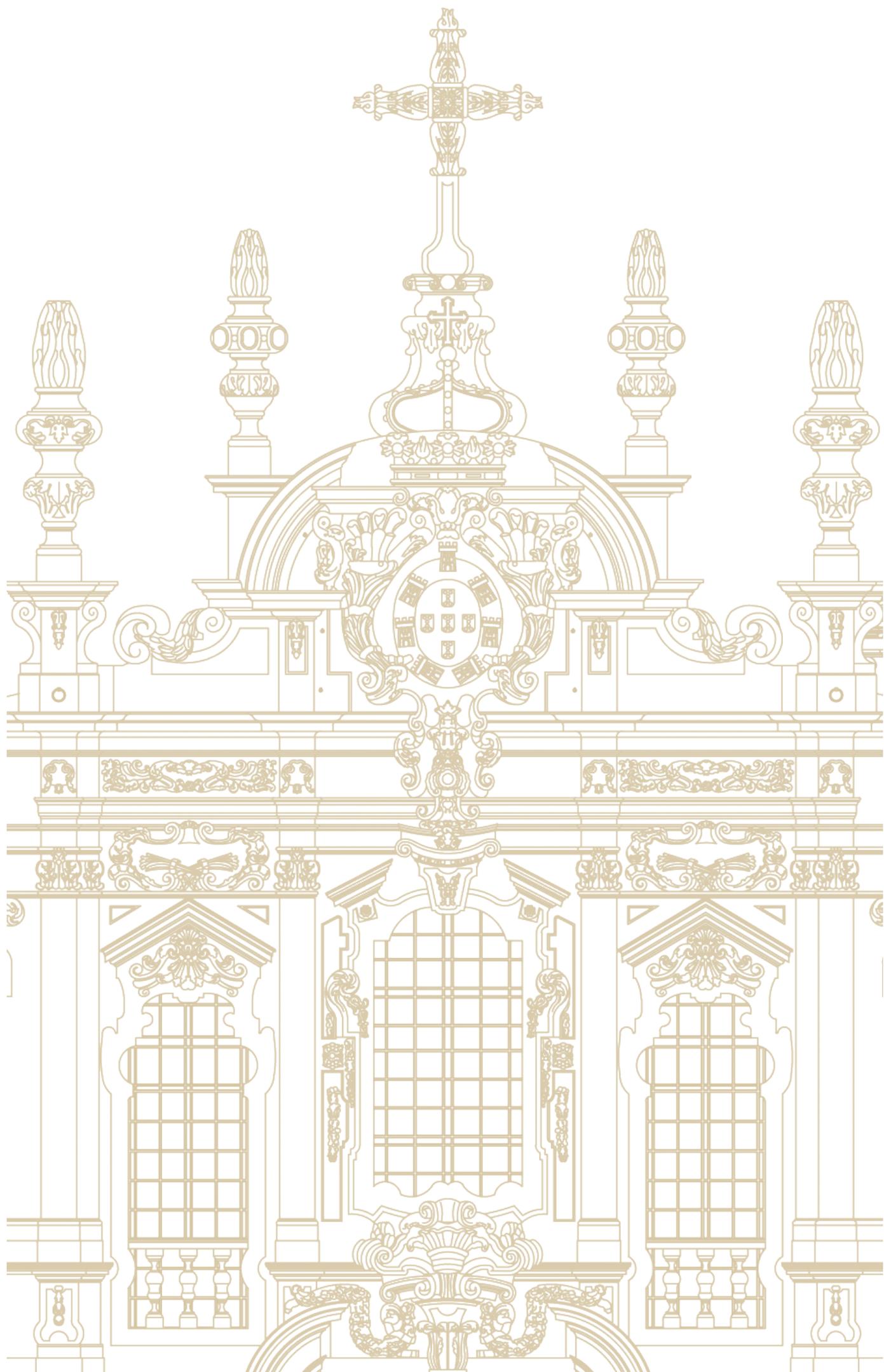




Anacleto saia todos os dias para comprar pão, agora, com uma máscara (que lhe tapava a boca, o nariz e por vezes até mesmo os óculos), mais uma viseira, o chapéu e a bengala, num exercício de malabarismo arriscado que, por vezes, parecia mais perigoso que o próprio vírus, que teimava em não ir embora. Mas, Anacleto, que: “só conto comigo e comigo conto”, insistia em sair contra todas as recomendações e ajudas que lhe eram oferecidas.

Dezembro chegou, o dia de Natal, e Anacleto repetia as suas rotinas, até que naquele dia, ao descer as escadas estreitinhas da sua casa velhinha, mais velhinha que o próprio velhinho Anacleto, ele caiu, rolou pelas escadas e ficou caído no chão sem se conseguir levantar. O tempo passava, e como o velhinho Anacleto era sozinho, ninguém dava pela sua falta. Anacleto ali ficou horas a fio, dorido, com frio, com fome. Anacleto pensou que “só conto comigo e comigo conto” não era, na realidade, verdade, que naquele momento precisava de alguém, precisava de ajuda. Foi naquele preciso instante que os sinos da Igreja da Misericórdia Porto tocaram arrebate assinalando a meia noite, da noite de natal, os sinos que há anos que não tocavam. A igreja, vazia, não tinha ninguém, e o velhinho Anacleto sabia disso, e pensou: “não é possível”.

Naquele momento a porta da casa velhinha de Anacleto abriu-se, como que por magia, e por ela entraram anjos vestidos de branco que o levaram até à sua cama, cuidaram-no, alimentaram-no e, por fim, seguro, o velhinho Anacleto adormeceu.





Na manhã seguinte, dia de Natal, o velho Anacleto foi acordado pelos raios de sol que entravam pela janela do seu quarto, há anos fechada, aliás como todas as janelas da casa velha e triste de Anacleto.

Estava deitado na sua cama, descansado, com lençóis mais brancos e limpos que o próprio céu, Anacleto sentiu o cheiro a café fresco e ouviu risos. Anacleto não estava só, a sua casa velha tinha pessoas, o velho Anacleto do “só conto comigo e comigo conto” estava acompanhado.

Então, a porta do quarto de Anacleto abriu-se e os anjos que cuidaram do velho Anacleto entraram. Mas, não eram anjos, Anacleto reconhecia aqueles rostos, eram afinal as meninas que todas as semanas batiam à sua porta para oferecer ajuda e que Anacleto recusava, sempre, com um mal-humorado: “não quero conversa fiada, sou sozinho e estou bem assim, só conto comigo e comigo conto”.

As meninas cuidadoras explicaram ao velho Anacleto que quando ele caiu pelas escadas e desmaiou, o sacristão, que naquele momento fechava a Igreja da Misericórdia ouviu o barulho e prontamente pediu socorro.

Foram elas que o levaram escada a cima para a cama, que cuidaram dele e que garantiram que o velho Anacleto estava seguro.



Desde aquela noite de Natal que, o velhinho Anacleto, passou a ser o velhinho mais sorridente da cidade, mesmo com a máscara, a alegria de Anacleto contagiava todos os que com ele se cruzavam. Anacleto deixou-se cuidar e todos os dias os seus anjos, como insistia em lhes chamar, iam até à casa velhinha do velhinho Anacleto garantir que estava bem.

O velhinho Anacleto nunca mais esteve sozinho e, para ele, digam o que disserem, naquela noite de Natal, os sinos tocaram arrebate e anjos entraram pela sua casa.

Foi um Milagre de Natal,
foi o milagre da Misericórdia.

